

**INÁCIO REBELO DE ANDRADE (2001),
REVISITAÇÕES NO EXÍLIO (CONTOS ANGOLANOS),
LISBOA: VEGA**

José Carlos Venâncio*

Inácio Rebelo de Andrade deu o título de *Revisitações no exílio* (*Contos angolanos*) a esta colectânea de contos que, em boa hora (que adiante justificarei) se publica. Como ele diz na introdução, a maioria dos contos foi escrita há quarenta anos, altura em que vivia em Angola, terra onde nasceu e se fez escritor e que agora revisita a partir de um lugar e de um tempo que tem como de exílio.

Os contos republicados foram também publicados pela primeira vez há quarenta anos, nas edições Imbondeiro de boa memória para as letras e cultura angolana, sediadas no Lubando (então Sá da Bandeira) e dirigidas pelos intelectuais Leonel Cosme, que posfacia o livro, e Garibaldino de Andrade, prematuramente desaparecido.

Se nos deixássemos, pura e simplesmente, guiar pelo título, diria que estávamos perante um livro fortemente marcado pelo paradigma nacionalista, o mesmo que, num período que vai mais ou menos dos anos 30 do século XX aos anos 90 do mesmo século, condicionou a política, a vida e a escrita em África e, de resto, em grande parte do mundo; que estamos perante um livro típico do que a literatura alemã conhece por *Exilliteratur*, i.e., a literatura produzida pelos escritores, muitos deles judeus, que na Segunda Guerra Mundial se exilaram para fugir às garras do nazismo; que estamos, em suma, perante um livro política e nacionalmente motivado, atributos que, de resto, o autor do posfácio, Leonel Cosme, entende separar na análise que fez à pertença nacional dos contos. Não! Nada disso. O exílio de Inácio Rebelo de Andrade não é, de forma

* Universidade da Beira Interior, Departamento de Sociologia e CEAUP

alguma, a ausência do cadinho nacional, entendido este no seu sentido mais literal. O escritor persegue, na verdade, uma pátria, mas uma pátria de outro teor, uma pátria que é uma terra e um tempo de entendimento, onde todos, qualquer que seja a cor da epiderme, se realizem na concórdia e no mútuo respeito. Esta pátria que Rebelo de Andrade evoca em dois momentos diferentes – o da escrita dos contos e o da sua revisitação – é naturalmente uma utopia (mas para isso é que é o escritor e não o sociólogo a tomar a palavra), traduzível no que o filósofo alemão Ernst Bloch, sob herança hegeliana, entende por *Heimat*, um lugar que pressupõe uma dupla desalienação: a do homem em relação à natureza e em relação a si mesmo. Só, pois, enquanto acto alienatório, que distorça o sentido que temos da história, podemos entender o racismo enquanto ideologia a justificar a subjugação colonial de que padeceram, pelo menos, dois terços da humanidade e de que Angola não constituiu excepção, como Rebelo de Andrade magistralmente denuncia nos presentes textos.

Por este lado Rebelo de Andrade entronca o arquitecónio angolano, dominado, sobretudo a partir dos anos 40 do século XX, pela questão racial, i.e. pela normalização das relações raciais numa Angola que os escritores e poetas que assim procederam, influenciados pelo paradigma nacionalista, pretendiam tornar de todos. Luandino Vieira, Arnaldo Santos, António Jacinto, António Cardoso, Mário António, Viriato da Cruz, são alguns dos escritores a expressar tal preocupação. Eles são os representantes do que a crítica literária tem ultimamente relevado como modernismo angolano, fazendo-o não propriamente em oposição à negritude, mas sim em seu complemento. As Edições Imbondeiro, onde foram publicados a maioria dos contos ora antologiadados, foram um importante veículo desse modernismo, que o mesmo será dizer do reencontro dos escritores e poetas angolanos com a realidade circundante, o que, em si só, dada a condição colonial, representava um acto político e nacionalista.

Várias são as injustiças, inerentes ao regime colonial, denunciadas nos contos e que o autor, num esforço analítico que deixa transparecer o sóciólogo ou apenas o revisitor de um tempo e de uma escrita de há 40 anos, aponta na introdução: «o trabalho compulsivo», a discriminação social tendo a cor da pele por referência e a transformação da mulher negra em objecto de prazer sexual, prática de que Angola não foi excepção, como o testemunha o conto “Encosta a cabecinha e chora...”. A meu gosto o ex-libris dos contos ora antologiadados.

À temática dos anos 60 pertencem também os contos (ou crónicas, como o autor lhes chama) escritos no seu exílio e publicados, em primeira mão, na revista *Vértice* (II, 2000) e no livro *Quando o Huambo era Nova Lisboa* (1997). A exploração desta temática por parte de Rebelo de Andrade e, no fim, a sua prevalência na literatura angolana, como um dos seus principais pilares, decorre da especificidade da sociedade angolana, ou talvez melhor, das especificidades que o colonialismo português foi assumindo em cada uma das partes constantes do actual território nacional. Subsistem naturalmente diferenças de registo entre essas partes; sabemos que a realidade de Nova Lisboa, actual Huambo, que a obra de Rebelo de Andrade espelha, era e é seguramente diferente da de Luanda, mas em qualquer uma delas encontramos brancos ou mestiços que, por que culturalmente enraizados, reivindicam a sua angolanidade. E para estes, numa sociedade colonial, marcada pelo estigma da raça, dificilmente seria possível reivindicar o seu quinhão sem que nessa reivindicação estivesse implícito um processo de renúncia, um processo (des)alienatório. Fizeram-no António Jacinto, António Cardoso e tantos outros, alguns já citados, e fê-lo, e fá-lo agora, Rebelo de Andrade.

Permitam-me que retorne à temática da revisitação para que o título da obra nos remete. Na verdade, a publicação destes textos a partir do que o autor entende ser o seu exílio, marca um novo momento autoral, desta feita num contexto de pós-nacionalismo e de globalização, que, em princípio, remete para outros critérios de apreciação, que não os nacionalmente determinados, a que, aliás, os textos resistem e justificam a sua publicação e leitura. Decorre essa resistência do facto de os valores defendidos aquando da escrita, nos anos 60, serem, afinal, valores de todos os tempos e, por virtude dos quais os contos de Rebelo de Andrade assumem uma dimensão universal. A actualidade dos textos, porque ao referirmos a resistência temporal é de actualidade que falamos, comprova ainda o que tentei dizer no início desta breve apresentação: não é pelo factor nacionalidade que passa a valorização deste livro; seria circunscrevê-lo historicamente. A sua valorização passa antes pela procura de uma *Heimat* onde valores como igualdade, anti-racismo e outros congéneres valham por si. São contos que clamam por justiça, mesmo nesta sua 2ª edição, e é por esse lado e não outro que se cumpre a sua universalidade.

